

Santa Teresinha de Lisieux

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Golay, Didier-Marie

Santa Teresinha de Lisieux : viver de amor : livro-álbum / Didier-Marie Golay ; tradução de Tiago José Risi Leme. – São Paulo : Paulus, 2026.
Il., color.

ISBN 978-85-349-6034-2

Título original: Sainte Thérèse de Lisieux: Vivre d'amour

1. Teresa do Menino Jesus, Santa, 1873-1897 – Biografia 2. Santas cristãs 3. Freiras - Biografia I. Título II. Leme, Tiago José Risi

26-0388

CDD 922.22

Índice para catálogo sistemático:

1. Teresa do Menino Jesus, Santa, 1873-1897 – Biografia

Didier-Marie Golay, ocd

Tradução:
Tiago José Risi Leme

SANTA TERESINHA DE LISIEUX

VIVER DE AMOR

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Sainte Thérèse de Lisieux: Vivre d'amour*
© Les Éditions du Cerf, 2018
www.editionsducerf.fr

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme, Darlei Zanon, Luiza Tenuta

Design

Victoria Cristina da Silva Eduardo

Imagem da capa

Teresinha com a harpa (1907), Céline Martin

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-6034-2

*A meus irmãos Carmelitas:
Victor Sion, Emmanuel Renault, Guy Gaucher,
que souberam fazer brilhar a face e a mensagem
de Santa Teresinha.*

Com a colaboração de

Ir. Dominique de la Trinité, ocd
(Carmelo de Lisieux)

Ir. Lucie Loizeau, Oblatas de Santa Teresinha
(Roques)

Laurence Panontin
(Santuário de Lisieux)

Fr. Robert Arcas, ocd
(Paris)

Fr. Denis-Marie Ghesquières, ocd
(Avon)

Fr. Philippe Hugelé, ocd
(Avon)

Pe. Patrick Lemoine, Instituto Notre-Dame de Vie
(Lisieux)

Fr. Anthony-Joseph Pinelli, ocd
(Paris)

Com o apoio da

Associação “Les amis de Thérèse de Lisieux et du carmel de Lisieux”
(Os amigos de Teresa de Lisieux e do Carmelo de Lisieux)

ÍNDICE



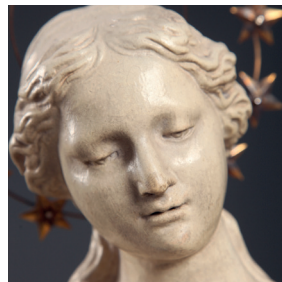
16

Uma família tão linda:
Alençon
(1872-1877)



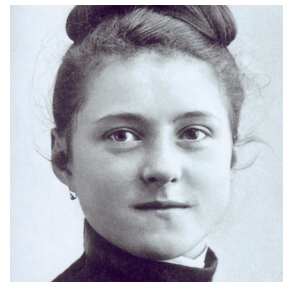
58

O afeto que me envolvia:
nos Buissonnets
(1877-1883)



90

“Minha completa
conversão”: do sorriso da
Virgem à graça do Natal
(1883-1886)



122

“Uma corrida de gigante”:
da graça do Natal à
entrada no Carmelo
(1886-1888)



156

“Mais espinhos
que rosas!”: da entrada
no Carmelo à epidemia
de *influenza*
(1888-1892)



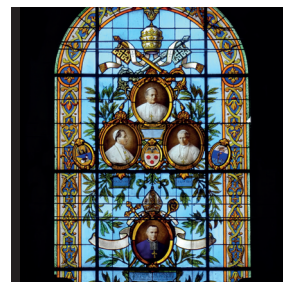
192

“A senhora que é duas
vezes minha mãe”:
tendo como priora
madre Inês de Jesus
(1892-1895)



232

“Não morro, entro na
vida”: da oferenda ao
Amor misericordioso
à sua Páscoa
(1895-1897)



270

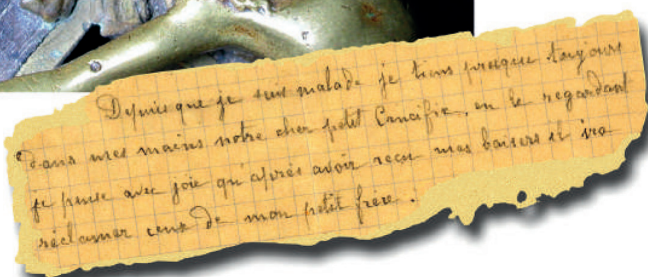
“Depois da minha
morte...”: a vida póstuma
de Teresinha
(1897-...)



Evangile

JE VEUX PASSER
MON CIEL
A FAIRE DU
BIEN
SUR LA
TERRE

“Viver de amor”



Detalhe do crucifixo oferecido a Teresinha por sua irmã Leônia. Ele a acompanhou durante sua longa enfermidade e ela o ofereceu ao padre Bellière, a quem escreveu: “Desde o início de minha doença, tenho sempre em minhas mãos nosso querido crucifixo; ao olhar para ele, penso com alegria que, depois de receber meus beijos, ele irá receber aqueles do meu irmãozinho” (LT 263).

Página anterior

“Teresinha com a harpa”, pintura realizada por irmã Genoveva (Celina) em 1907. Ela escreveu: “Este quadro de ‘Teresinha com a harpa’, que, em meu espírito, representava sua vida interior, não ficou como eu gostaria, longe disso!”.

As últimas palavras de Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face, que nos foram relatadas por madre Inês, resumem de modo magnífico seu itinerário humano e espiritual. Ao longo de sua longa e dolorosa agonia, ela murmura: “Não me arrependo de ter me entregado ao Amor”. Ela insiste: “Oh, não! Não me arrependo. Muito pelo contrário!”. Suas últimas palavras, seu último olhar sobre o crucifixo são um último ato de amor: “Oh! Eu o amo! Meu Deus... eu vos amo!” (CJ, 30 de setembro).¹

¹ Para as citações de Teresinha, em relação ao original, suprimimos boa parte de maiúsculas, mas mantivemos os itálicos. Na lista de siglas utilizadas, o leitor encontrará nossas fontes principais. As que não foram referenciadas provêm dos arquivos do Carmelo de Lisieux. Não consideramos necessário indicá-las, para garantir a esta obra a dimensão simples e convívio de um álbum de família.

O amor foi o motor de toda a sua existência. E nós podemos resumir sua vida e sua mensagem pelo título de um de seus poemas: “Viver de amor” (PN 17).

É o primeiro poema que ela escreve espontaneamente, só para ela. Habitualmente, seus poemas são compostos para diversas ocasiões: festas, celebrações particulares, pedidos de outras irmãs da comunidade. Mas, naquele dia 26 de fevereiro de 1895, ao longo do dia, enquanto realiza as tarefas que lhe cabem, Teresinha compõe em sua cabeça esse longo poema de quinze estrofes. Ela o redigirá à noite, durante o grande silêncio, quando já estiver recolhida em sua cela para o repouso da noite. A escrita desse texto foi precedida pelos três dias das “Quarenta horas” anteriores ao início da Quaresma e durante os quais o Santíssimo Sacramento foi exposto. Ela escreve em suas lembranças: “Encontro-me numa época de minha existência em que posso lançar um olhar sobre o passado. Minha alma amadureceu no crisol das provas exteriores e interiores; agora, como a flor fortalecida pela tempestade, levanto a cabeça e vejo que, em mim, se realizam as palavras do Salmo 22.



nência da Trindade santa no mais íntimo de seu ser, a importância da Palavra de Deus, a Eucaristia, o mistério de sua Paixão, o dom de si sem medida, a liberdade que afasta o temor, a misericórdia que ergue o pecador, a caridade fraterna, as virtudes teológicas da fé, da esperança e da caridade, a oração pelos padres, a intercessão pelos pecadores, a imitação de Maria Madalena, a grande amante. Em seguida, as duas últimas estrofes começam por “morrer de amor”. Teresinha tem a intuição de que seu “exílio vai acabar”. Ela deseja ser consumida pela “chama de amor”. Mas, para ela, “morrer de amor” é “viver de amor”, pois sua morte é uma “entrada na Vida” (LT 244).

Ela aprendeu a “viver de amor” no seio de sua família. Ali ela conheceu o amor da Virgem Maria, o amor dos santos, o amor de Jesus. Um profundo desejo é recorrente em seus escritos: “Amar Jesus e torná-lo amado” (LT 114; LT 201). Ela descobre

Estátua do Bom Pastor, que se encontra no claustro, diante da porta de saída do coro das monjas.

Iluminura do missal do Pe. Youf, capelão do Carmelo, colorida por Teresinha. No “A”, nós vemos uma representação do mistério da Trindade. O Espírito, em forma de pomba; o Pai segura em suas mãos o véu de Verônica, que mostra a Santa Face de Jesus durante sua Paixão.

(O Senhor é meu Pastor, nada me falta. Ele me faz repousar em pastos agradáveis e férteis; Ele me conduz docemente ao longo das águas. Ele conduz minha alma sem cansá-la... Ainda que eu passe pelo vale da sombra da morte, não temerei nenhum mal, pois estás comigo, Senhor!)” (Ms A, 3).

As treze primeiras estrofes desse poema começam com as palavras “Viver de amor”. Nelas, Teresinha evoca os grandes temas que vêm fortalecer sua vida espiritual: a perma-



Página seguinte

Quatro painéis da parte “Amor da família” da exposição “Teresa de Lisieux ou a queimadura de amor”.

Imagem do Menino Jesus vestido de rosa no claustro, pela qual Teresinha tinha grande afeição: “A primeira coisa que percebi no claustro foi ‘meu pequeno Jesus rosa’ sorrindo para mim por entre as flores e as luzes” (Ms A, 72v).



o mandamento do amor e pede a Jesus que venha cumpri-lo nela (Ms C, 12v). Ela vai, num único impulso de amor, amar suas irmãs Carmelitas e amar os pecadores. À imagem de Cristo, seu amor se torna universal.

Esse amor é vivido no dia a dia, nas provas da vida, nos sofrimentos interiores e exteriores. Em seu leito de enfermidade, ela volta a dizer com vigor a madre Inês: “Sofri muito aqui embaixo; será preciso dizê-lo às almas...” (CJ, 31 de julho, 13). Ela suportou duras separações: a morte de sua mãe; a ida de Paulina para o Carmelo; a internação de seu pai em Caen (essa dor se tornou ainda maior pelos rumores de que sua ida para o Carmelo aos quinze anos teria agravado o estado de saúde de seu pai). Sofreu por sua sensibilidade extrema e pelas “alfinetadas” (LT 55) da vida comunitária. Conheceu o sofrimento na carne pelos assédios do frio:

“Sofri pelo frio, no Carmelo, a ponto de morrer” (DE, madre Inês, julho), e pela tuberculose, que a corrói por dentro. Sua alma é invadida pela escuridão mais profunda... Mas, em meio a tudo isso, ela vive de amor e nos convida a viver de amor, recebendo tudo das mãos do Senhor. No dia 13 de julho de 1897, ela diz solenemente a suas irmãs: “Não pensem que, quando estiver no Céu, farei cair cotovias de bico queimado... Não foi o que tive, nem o que desejei ter. Vocês talvez terão grandes provações, mas lhes enviarei luzes que farão vocês apreciá-las e amá-las. Vocês serão obrigadas a dizer como eu: ‘Senhor, vós nos encheis de alegria por tudo o que fazeis’ (Sl 91,5)” (CJ, 13 de julho, 16).

Em sua primeira peça de teatro, *A missão de Joana d’Arc*, Teresinha coloca nos lábios de Santa Catarina estas palavras, dirigidas a Joana d’Arc: “Eu sou sua irmã, sua amiga,





Capela Santa Teresinha,
da igreja Santa Teresinha
de Metz (França).

Página seguinte

Obra de Isabelle Tabin,
este vitral ilumina a gale-
ria de ex-votos do memo-
rial de Santa Teresinha.
Ele evoca o desejo de Te-
resinha de “percorrer a
terra, pregar teu nome e
plantar em solo infiel tua
Cruz gloriosa” (Ms B, 3).

sempre olharei por você” (RP 1,12v). É o de-
sejo profundo de seu coração cheio de amor
tornar-se irmã e amiga de todos. Este álbum
não tem outro objetivo senão nos introduzir
numa amizade, numa proximidade fraterna
com aquela que queria no Céu ser chamada
de “Teresinha” (DE, anônimo). Que ela nos
ensine, como fez com suas noviças, a “viver
de amor” nas pequenas coisas do dia a dia.
A seu irmão missionário, o padre Maurice
Bellière, ela mandou duas vezes seu poema e,
ao desculpar-se por isso, escreveu: “Lembro-
-me de que aquele a quem mais se perdoou
mais deve amar, por isso me esforço para
fazer que minha vida seja um ato de amor e
não me preocupo por ser uma alma peque-
nina, mas me alegro por isso; essa é a razão
pela qual ousar esperar que ‘meu exílio seja
breve’, mas não porque esteja pronta; sinto
que jamais estarei pronta se o próprio Senhor
não se dignar a me transformar; Ele pode fa-
zê-lo num instante; diante de todas as graças
com as quais Ele me cumulou, ainda espero
essa de sua misericórdia infinita” (LT 244).

Teresinha vive de amor em sua humilde
rotina, e isso não deixa de aflorar em seus
textos. De modo impressionante e sem dú-
vida inconsciente, ela termina seus três ma-
nuscritos com a palavra “amor”:

– “Eternamente [Teresinha] cantará com
essa mãe querida [madre Inês] o cântico
sempre novo do amor” (Ms A, 84v).

– Dirigindo-se a Jesus, ela escreve:
“Eu te suplico escolher uma legião de
pequenas vítimas dignas de teu Amor!”
(Ms B, 5v).

– “Não é porque o bom Deus, em sua
previdente misericórdia, preservou minha
alma do pecado mortal que me elevou a Ele
pela confiança e pelo amor” (Ms C, 36v-37).



“Viver de amor” é um projeto de vida, mas é sobretudo uma graça a ser pedida. Em seu poema *Jesus, meu Bem-amado, lembra-te!*, ela escreve:

Crucifixo do pátio do Carmelo. Com as noviças, Teresinha gostava de lançar pétalas de rosas a Jesus crucificado.

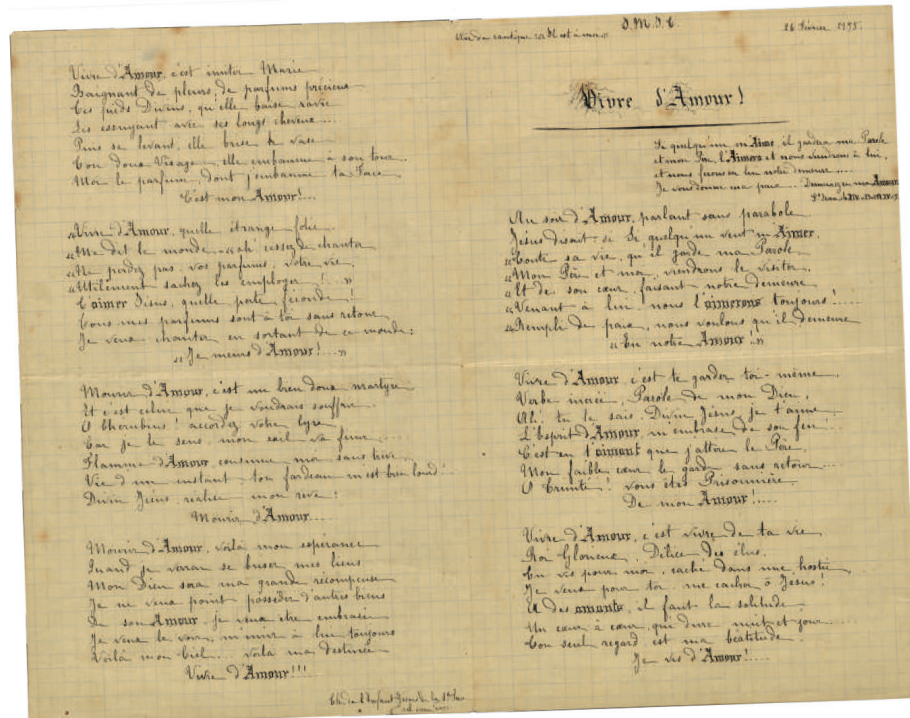
“ Lembra-te, Jesus, Verbo de Vida,
De que me amaste a ponto de por mim morrer!
Quero também loucamente te amar.
Quero também por Ti viver e morrer.
Tu bem sabes, ó meu Deus! Tudo o que desejo
É tornar-te amado e um dia mártir ser.
De amor quero morrer...
Senhor, do meu desejo
Lembra-te...”

(PN 24,26)

Que possamos descobrir, redescobrir a vida e a mensagem de Santa Teresinha, que viveu de amor e hoje nos convida a todos a “viver de amor”.



Manuscrito do poema
Viver de amor (PN 17).



Viver de amor

O padre Maurice Bellière recebeu esse poema pelas mãos de madre Maria de Gonzaga. Ele escreve a Teresinha em 31 de janeiro de 1897: “A senhora tinha [Jesus] em seu coração quando compôs esse cântico de amor. [...] Nele se respira um sopro divino, que fortalece e purifica. [...] Sim, minha irmã, ‘vivamos de amor’. É o modo de encontrar a felicidade na terra” (LC 174).

- | | | |
|---|---|--|
| <p>1. Na noite de Amor, falando sem parábola,
Jesus dizia: “Se alguém quiser me amar
Por toda a sua vida, guarde a minha
Palavra.
A ele meu Pai e eu viremos visitar.
E de seu coração nossa morada fazendo,
Vindo a ele nós sempre o amaremos!
Em nosso amor queremos
Que ele permaneça cheio de paz!”</p> <p>2. Viver de Amor é guardar-te,
Verbo incriado, Palavra do meu Deus.
Ah! Tu o sabes, divino Jesus, eu te amo.
O Espírito de Amor me abrasa com seu
fogo.
É te amando que o Pai eu atraio.
Meu frágil coração o guarda sem hesitar.
Ó Trindade! Vós sois prisioneira
Do meu Amor!</p> <p>3. Viver de Amor é viver de tua vida,
Rei glorioso, dos eleitos a delícia.
Tu vives para mim, escondido numa
hóstia.
Quero por ti me esconder, ó Jesus!
Aos amantes a solidão é necessária:
Um coração a coração que dura noite
e dia.
Teu único olhar me faz feliz,
Vivo de amor!</p> <p>4. Viver de Amor não é, sobre a terra,
Armar sua tenda no alto do Tabor.
É, com Jesus, subir o Calvário,
É olhar a cruz como um tesouro!
No Céu, viverei a bem-aventurança,
Então as provações terão passado para
sempre,
Mas, agora no exílio, quero, no sofrimento,
Viver de Amor.</p> <p>5. Viver de Amor é dar sem medida,
Sem exigir salário aqui embaixo.
Ah! Sem contar eu dou, estando certa
De que, quando se ama, nenhum
cálculo se faz!
Ao Coração Divino, transbordando de
ternura
Eu tudo dei... ligeiramente corro.
Nada mais tenho senão minha única
riqueza:
Viver de amor.</p> | <p>6. Viver de Amor é banir todo medo,
Toda lembrança dos erros passados.
Dos meus pecados não vejo nenhum
rastro,
Num único instante o amor tudo
queimou...
Chama divina, ó tão doce Fornalha!
No teu calor faço morada,
Em tuas chamas canto à vontade:
“Vivo de Amor!”</p> <p>7. Viver de Amor é guardar em si mesmo
Um grande tesouro num vaso mortal.
Meu Bem-amado, minha fraqueza é
extrema.
Ah! Estou longe de ser um anjo do Céu!
Mas se eu caio a cada hora que passa,
Tu me levantas vindo em meu socorro,
A cada instante me dás tua graça:
Vivo de Amor.</p> <p>8. Viver de Amor é navegar sem cessar,
Semeando a paz, a alegria em todos os
corações.
Piloto amado, a Caridade me impele,
Pois te vejo nas almas, minhas irmãs.
A Caridade, eis minha única estrela:
Ao seu clarão sigo sem me desviar.
Tenho minha divisa escrita na minha vela:
“Viver de Amor”.</p> <p>9. Viver de Amor quando Jesus cochila
É o repouso em meio às ondas
tempestuosas.
Oh, não temas, Senhor, que eu venha
te acordar.
Espero em paz pelas margens dos céus...
A Fé logo rasgará seu véu:
Minha Esperança é ver-te um dia,
A Caridade infla e empurra meu veleiro:
Vivo de Amor!</p> <p>10. Viver de Amor, ó meu Divino Mestre,
É te suplicar que espalhes tuas chamas
Na alma santa e sagrada de teu padre,
A fim de que seja mais puro que um
serafim dos céus!
Ah, glorifica tua Igreja imortal.
A meus suspiros não sejas surdo;
Eu, sua filha, me imolo por ela:
Vivo de Amor.</p> | <p>11. Viver de Amor é enxugar tua Face,
É alcançar perdão para os pecadores.
Ó Deus de amor, que eles entrem na
tua graça.
E para sempre bendigam teu Nome...
Se em meu coração ressoar a blasfêmia,
Para apagá-la quero sempre cantar:
“Teu Nome Sagrado, eu o adoro e o amo.
Vivo de Amor!...”</p> <p>12. Viver de Amor é imitar Maria:
Banhando com lágrimas, com
perfumes preciosos
Teus pés divinos, ela os beije radiante,
Enxugando-os com seus longos cabelos.
E depois, ao levantar-se, ela rompe o vaso,
E perfuma tua Doce Face.
De minha parte, o perfume para ungir
teu Rosto
É meu Amor!</p> <p>13. “Viver de amor, que estranha loucura!”
O mundo me diz: “Ah, pare de cantar,
Não gaste seus perfumes, sua vida,
Use-os de modo mais útil!”
Amar-te, Jesus: que perda fecunda!
Todos os meus perfumes são teus para
sempre,
Quero cantar ao deixar este mundo:
“Morro de Amor!”</p> <p>14. Morrer de Amor: que doce martírio!
É esse que desejo sofrer.
Ó Querubins, afinai vossa lira,
Pois já sinto que meu exílio vai logo
terminar!
Chama de Amor, por ti quero ser
consumida.
Vida de um instante, teu fardo é
pesado demais para mim!
Divino Jesus, realiza meu sonho:
Morrer de Amor!</p> <p>15. Morrer de Amor, eis minha esperança,
Quando verei minhas correntes se
romperem.
Meu Deus será minha grande recompensa,
Não quero possuir outro bem.
Por seu amor quero ser abrasada,
Quero vê-lo, unir-me a Ele para sempre.
Eis o meu Céu... eis o meu destino:
Viver de amor!!!</p> |
|---|---|--|